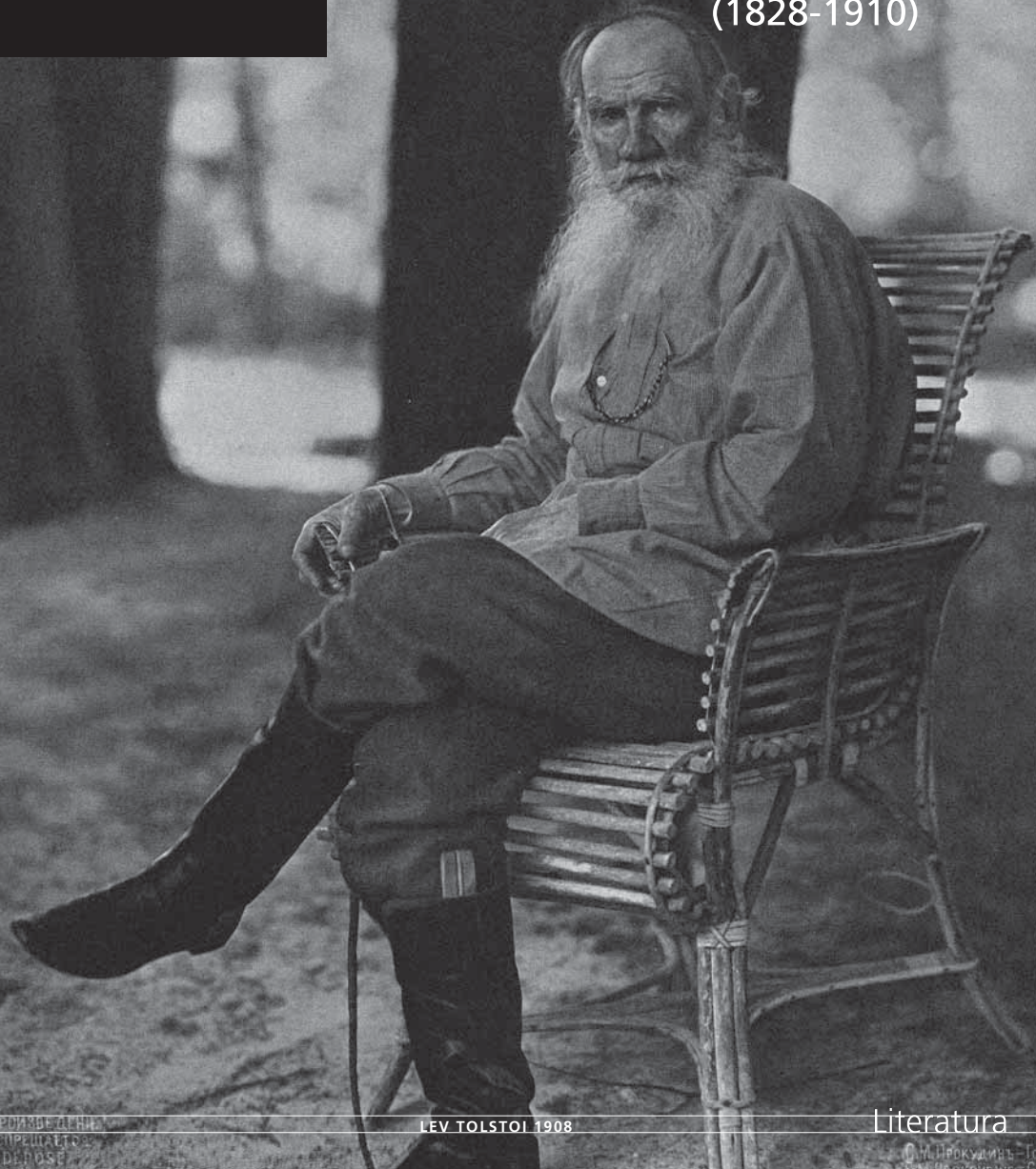


Dias *Tolstoi*

CCB

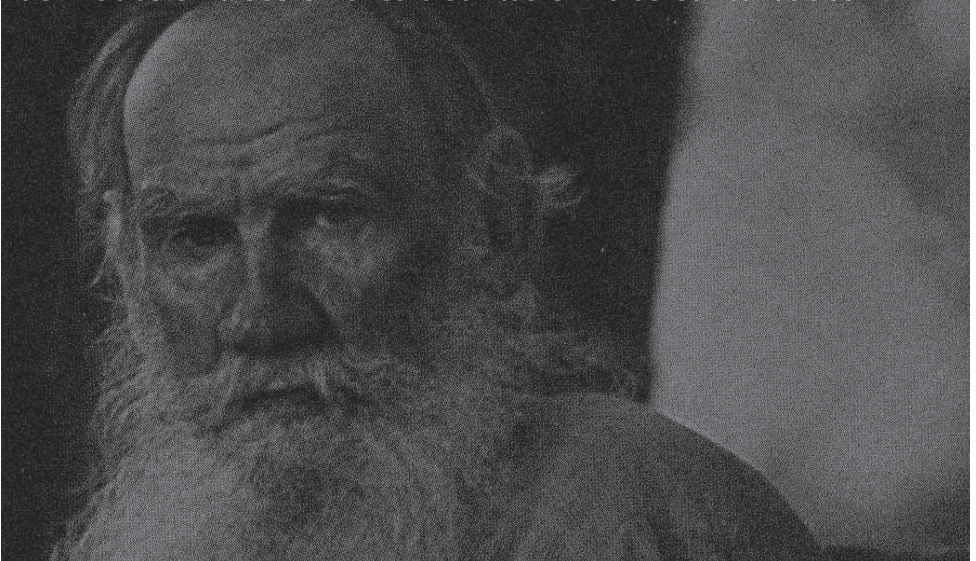
(1828-1910)



Tolstoi, um nome apenas,

anunciando longas barbas brancas e porte de profeta, fez-se personagem de romance épico, onde se cruzam grandes quadros dramáticos com as intuições da mais íntima humanidade.

O nobre russo Lev Nikolaievich Tolstoi (1828-1910), que assinou títulos tão notáveis e influentes como *Anna Karénina*, *A Morte de Ivan Ilitch* ou esse monumental *Guerra e Paz*, captou em novas formas cada um dos aspectos mais fugidios de uma sociedade em movimento, compôs sinfonias de personagens das mais marcantes da literatura universal, e fê-lo tão-só em busca de um sentido para a vida. A sua obsessão com a verdade, pessoal e social, levou-o à reflexão crítica acerca de todas as formas de autoridade e opressão e converteu-o a um cristianismo radical, raiz de ideias como a resistência passiva e a não-violência, que defendeu por múltiplas formas. Fez-se arauto de uma vida simples, mas construiu enquanto criador e pensador um dos espelhos mais límpidos da complexidade humana. Isso se celebra de modos diversos e vozes distintas em dias conturbados.



20 / 21
NOV
2010

PEQUENO AUDITÓRIO — SALA
EDUARDO PRADO COELHO
ENTRADA LIVRE

20 NOV

**SÁBADO
15H00**

João Lopes
apresenta o filme
Guerra e Paz
do realizador
Sergei Bondarchuk
(1965/1967)

15H20

Filme
Guerra e Paz
(1.ª PARTE 140')*

17H40 / 18H00
INTERVALO

18H00

Filme
Guerra e Paz
(2.ª PARTE 93')*

21 NOV

**DOMINGO
15H00**

Conferência de
José Milhazes:
**Tolstoi,
um profeta
de utopias**

15H30

António Pescada
Traduzir Tolstoi

João Paulo Cotrim
lê excertos de
**A Morte de
Ivan Ilitch**

Filipe Pinto-Ribeiro
**A Música na
vida de Tolstoi**

Pedro Lamares
lê excertos de
Anna Karenina

17H00 / 17H15
INTERVALO

17H15

Filme
Guerra e Paz
(3.ª E 4.ª PARTES 77' + 92')*

**20 E 21 DE NOVEMBRO
A PARTIR DAS 15H**
CORREDOR DO PEQUENO
AUDITÓRIO — SALA EDUARDO
PRADO COELHO

Exposição
**Fotografias
documentais
da vida
do escritor**

Agradecimento à Embaixada
da Federação da Rússia
em Portugal

* PROECÇÃO DE VÍDEO, FORMATO DVD EM ECRÃ 4X3M

Guerra e Paz "Voyna i Mir" (1968 — 420')

M/12 ANOS

Realizador

SERGEI BONDARCHUK

Intérpretes

LYUDMILA SAVELYEVA
VYACHESLAV TIKHONOV
GENNADI IVANOV
IRINA GUBANOVA
ANTONINA SHURANOVA
SERGEI BONDARCHUK

Argumento

SERGEI BONDARCHUK
VASILI SOLOVYOV

segundo o romance de
LEV TOLSTOI

Música

VYACHESLAV OVCHINNIKOV

Fotografia

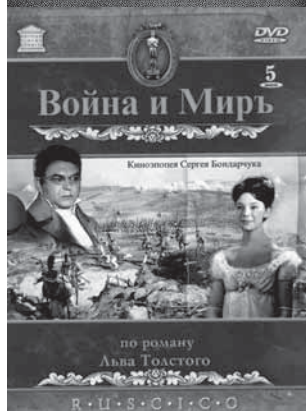
ANATOLI PETRITSKY
ALEKSANDR SHELENKOV

Montagem

TATYANA LIKHACHYOVA

Produção

MOSFILM



Um dos épicos mais notáveis do cinema, na versão original e integral.

Baseado na obra monumental de Lev Tolstói, **Guerra e Paz**, este clássico do cinema atinge um nível de qualidade sem precedentes nas cenas de guerra que apresenta.

No filme, é inteiramente recriado um exército com mais de 120 mil soldados e 35 mil peças de guarda-roupa, proporcionando imagens de um realismo emocionante da Batalha de Borodino e do incêndio de Moscovo em 1812, que quase destruíram a nação russa. **Guerra e Paz** conta a história do eterno romance entre Natasha Rostova e o príncipe Andrei Bolkonsky, cujas vidas espelham as convulsões sociais que a Rússia vivia na época. Com fotografia admirável e imagens surpreendentes, como espectáculo de primeira qualidade o filme rivaliza com *Lawrence da Arábia* e com *E Tudo o Vento Levou*. Em 1968, foi galardoado com o Óscar melhor filme em língua estrangeira.

A Vida de Tolstoi

de Romain Rolland

La Vie de Tolstoi, biografia crítica de autoria de Romain Rolland, Prémio Nobel de Literatura 1915, foi publicada em 1921 pela editora Hachette. Em 1928, por ocasião do centenário do nascimento de Tolstoi, a editora publicou esta obra numa versão revista e aumentada, posteriormente reeditada, em 1978 e 2010, pelas edições Albin Michel.

O início

Lev Tolstoi é um homem torturado que não gosta de si mesmo. Já nos seus livros autobiográficos **Infância, Adolescência e Juventude**, mas sobretudo em **Juventude**, Tolstoi descreve-se muitas vezes de uma forma negativa, queixando-se de ter “o nariz grande, os lábios muito grossos, os olhos demasiado pequenos e um rosto sem expressão, com traços... sem nobreza”. No seu **Diário** faz um juízo severo de si mesmo e confessa: “O meu grande defeito: o orgulho. Um amor-próprio desmedido, irracional.”

Com uma vida pessoal cheia de conflitos e uma personalidade dividida, Tolstoi aproximou-se gradualmente de uma posição pacifista e anarquista, recusando toda a forma de governo e de poder.

Em 1850, cheio de dívidas, é perseguido pelos seus credores. Em 1851, decide alistar-se no exército imperial russo, servindo como soldado na guerra do Cáucaso e juntando-se assim ao seu irmão Nicolas.

No seu diário, anota os três vícios que mais o atormentam:

1. Paixão pelo jogo – luta possível;
2. Sensualidade – luta muito difícil;
3. Vaidade – o mais terrível de todos.

Tolstoi torna-se um ser profundamente religioso. A sua passagem pelo Cáucaso revela-lhe “a verdadeira religiosidade da sua alma”. Em Novembro de 1854, com a patente de tenente, participa na guerra da Crimeia e escreve **Crónicas de Sebastopol**, uma epopeia sublime baseada na sua experiência na guerra, e muito apreciada pelos czares.

O regresso à vida civil em São Petersburgo é difícil. Sente desprezo pelos seus companheiros, Tourgueniev irrita-o. Zangam-se e Tolstoi demorou vinte anos a perdoar-lhe a sua última disputa.

Da Guerra e Paz a Anna Karenina

Regressa à sua propriedade em Iásnaia Poliana para se ocupar dos seus camponeses, mas sem muitas ilusões sobre a natureza humana, “sobre as suas fraquezas e a sua crueldade”. Em 1859, escreve **Felicidade Conjugal**, “é o milagre do amor”: casou-se com a jovem Sophia Behrs. Segundo Romain Rolland, este romance “passa-se

no coração de uma mulher... Com muita delicadeza". A sua jovem mulher é um apoio precioso, ajuda-o no seu trabalho de criação, "estimula o seu génio criador". Serve-lhe de modelo para a personagem Natasha em **Guerra e Paz** e de Kitty em **Anna Karenina**. É neste ambiente aprazível e familiar que vai escrever **Guerra e Paz** (1864-1869) e posteriormente **Anna Karenina** (1873-1877).

Durante os cerca de 12 anos de serenidade conjugal, Tolstói escreve as suas obras mais importantes. Mesmo quando neste período é tomado por violentos ataques de angústia, como na noite que descreve em **Apontamentos de um louco** (1883). Em **Anna Karenina**, diz Romain Rolland, Tolstói procedeu da mesma forma que em **Guerra e Paz** dispondo à volta de uma história central, "tragédia de uma alma que o amor consome", os romances de outras vidas. O seu interesse reside também no retrato de Constantin Lévine que é a sua encarnação. Tolstói projecta-se na sua personagem, atribui-lhe as suas ideias contraditórias, "o seu anti-liberalismo de camponês aristocrata que despreza os intelectuais", e também lhe atribui a sua vida através dos primeiros anos de casamento e a morte do seu irmão Dimitri.

O afastamento

"Não tinha ainda cinquenta anos", escreve Tolstói, "amei, fui amado, tinha bons filhos, uma grande propriedade, a glória, a saúde, o vigor físico e moral... Bruscaamente, a minha vida parou." As crises de angústia regressam, crises que o deixam num estado de desespero extremo, sem forças. Mas "um dia, a graça chega... Foi salvo. Deus apareceu-lhe."

O misticismo que fará parte de toda a sua vida impôs-se e, apesar da sua contestação ao papel da Igreja, faz sua a mensagem do Evangelho. Em 1882, está em São Petersburgo para o recenseamento e ele, o aristocrata de província, descobre a miséria operária da grande cidade. Irá relatar esta experiência num ensaio com o título esclarecedor *Que devemos fazer?* (1884-1886) que deita para trás das costas os seus tormentos metafísicos. Este revés na sua vida, o regresso do desespero que toma conta dele, afasta-o da sua mulher, que suporta cada vez com mais dificuldade as suas incapacidades, a sua prostração. Contudo, ainda se amam e ela escreve-lhe: "Senti um grande acesso de ternura por ti! [Tudo] que há em ti... iluminado por uma luz de compaixão por todos, e esse olhar que vai direito à alma... E isso só a ti pertence." É uma grande prova de amor, mas estão já demasiado longe um do outro para que se possam juntar de novo.

A sua visão da arte e do artista

Em *Que devemos fazer?*, Tolstói manifesta a sua visão de artista guiado por uma força, um desejo interior, e o seu amor pelos homens. Para ele e no mundo que observa, são cúmplices da desigualdade do sistema actual e da sua violência. Apesar dos excessos devido às suas fugas, às suas certezas, o seu ensaio **O que é arte?**, lançado em 1898, sustenta que os sábios e os artistas formam "uma raça privilegiada como os padres". Para ser objectivo, "para ver claro", é preciso libertar-se, pôr em

causa os seus privilégios, “pôr-se na pele de uma criança”. Iconoclasta, ataca um escritor como Shakespeare, publicando em 1903 o ensaio **Acerca de Shakespeare e o drama**.

Mas Romain Rolland avisa, “quando Tolstoi fala de Shakespeare, não é de Shakespeare que ele fala, é dele mesmo: expõe o seu ideal”. Tolstoi lastima que a sua época divida a arte decadente dos privilegiados e a arte popular. Para ele, a grandeza da arte deve reconciliar os homens, “combater pela indignação e pelo desprezo o que se opõe à fraternidade”. Dá o exemplo escrevendo os seus **Quatro livros de leitura**, largamente difundidos nas escolas russas, e os seus **Contos Populares**.

Os anos 1900

Segundo Romain Rolland, **Senhor e Servo** (1895) é uma obra de transição entre os seus dramas anteriores e **Ressurreição** (1899). É a história “de um mestre sem bondade e de um servo resignado” que são surpreendidos na estepe numa noite de tempestade de neve e que acabam por se separar. O mestre Vassili foge, abandonando Nikita, o seu servo, depois, tomado de remorsos, regressa, deita-se sobre ele para o aquecer e salva-o. “Nikita está vivo, exclama ele; por isso eu também estou vivo.” Descobre assim a liberdade na morte.

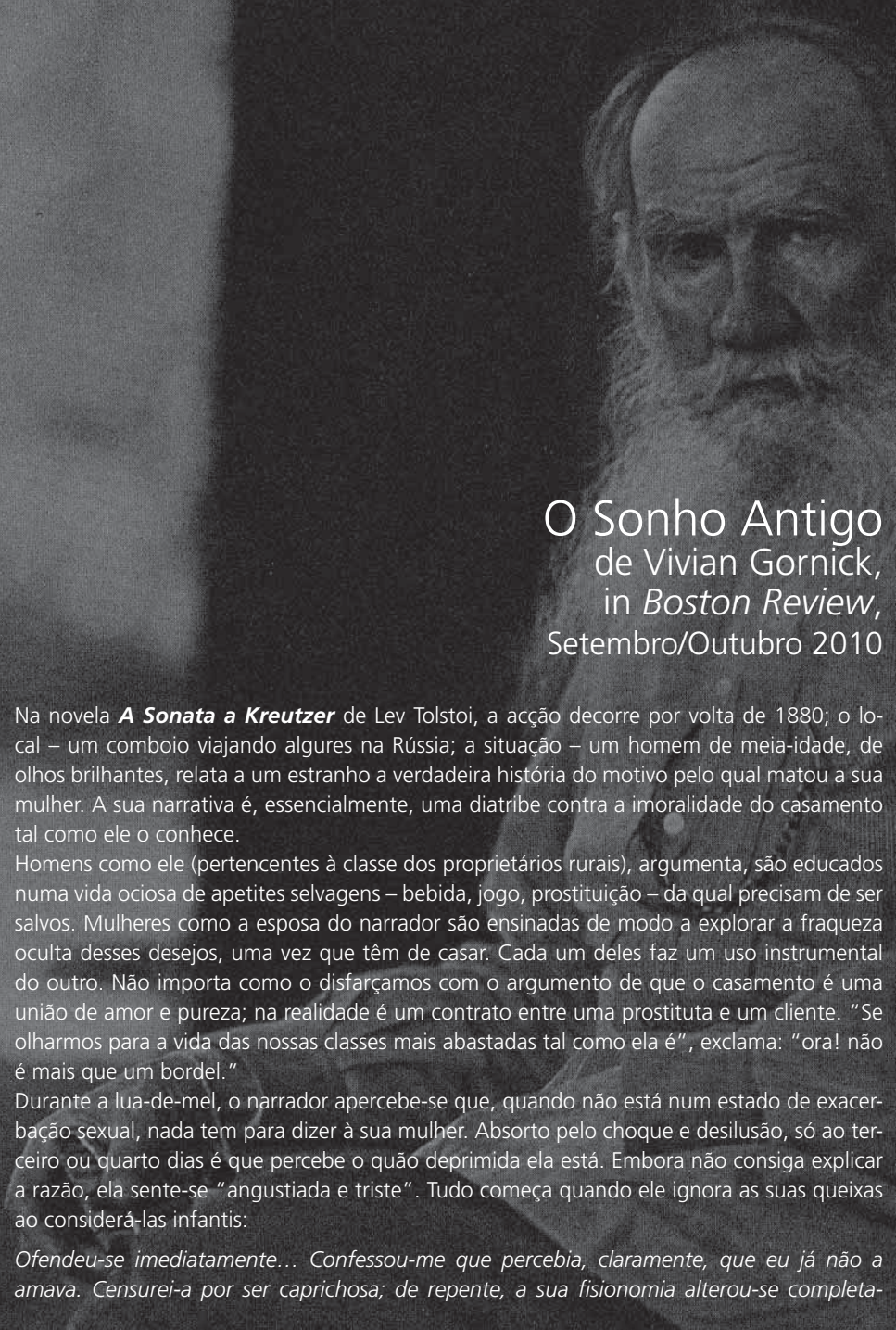
Do seu livro **Ressurreição**, retira-se “o sentimento da fatalidade esmagadora” pesando sobre todos, vítimas e carrascos. Tolstoi projecta as suas ideias no seu herói Nekhludov, príncipe rico e considerado, que deveria casar-se com uma jovem mulher que o ama e que não lhe desagrada. Mas rejeita uma vida planeada, a sua posição social, abandonando tudo para se casar com uma prostituta. Continua a penitenciar-se, mesmo quando sabe que a sua mulher, Maslova, continua a dedicar-se a uma vida de deboche. Quer a todo o preço reparar um erro antigo mas “Nekhludov não tem nada do herói de Dostoïevski”. É apenas um homem vulgar e medíocre, “o herói habitual de Tolstoi”.

A partir de 1900, Tolstoi manifesta-se contra as mudanças a que se assiste na sociedade russa. Antes de tudo os liberais, cujas ideias lhe parecem perigosas, que falam do povo sem nada saber, “povo, vontade do povo. Ei, que sabem eles do povo?”

O socialismo não é melhor, sendo o seu objectivo “a satisfação das necessidades mais básicas do homem: o seu bem-estar material”.

Acredita num novo cristianismo “com base na igualdade e na verdadeira liberdade. (O fim de um mundo)”. Luta pelos seus ideais, para que a terra pertença àqueles que a trabalham, defende aquilo que ele denomina “o princípio da não-resistência”, “não combatas o mal com o mal”, escreve ele a um amigo em 1900. Esta concepção cristã aproxima-o de Gandhi, que preconiza uma não-violência activa. Sofre por aqueles que põem em prática este preceito e são perseguidos pelo poder dos czares.

Tolstoi deixa bruscamente Iasnaïa Poliana a 28 de Outubro de 1910, pelas cinco horas da manhã, com o Dr. Makovitsky. Passa pelo Mosteiro de Optina. Depois, vai visitar a sua irmã Maria no Mosteiro de Chamordino. Voltam a partir e dirigem-se a Keselsk, mas para a estação de Astapovo. Foi lá que morreu, dizendo repetidamente: **Existem na terra milhões de homens que sofrem; porque estais todos aqui a ocuparem-se de só um?** Lev Tolstoi



O Sonho Antigo

de Vivian Gornick,
in *Boston Review*,
Setembro/Octubre 2010

Na novela ***A Sonata a Kreutzer*** de Lev Tolstói, a acção decorre por volta de 1880; o local – um comboio viajando algures na Rússia; a situação – um homem de meia-idade, de olhos brilhantes, relata a um estranho a verdadeira história do motivo pelo qual matou a sua mulher. A sua narrativa é, essencialmente, uma diatribe contra a imoralidade do casamento tal como ele o conhece.

Homens como ele (pertencentes à classe dos proprietários rurais), argumenta, são educados numa vida ociosa de apetites selvagens – bebida, jogo, prostituição – da qual precisam de ser salvos. Mulheres como a esposa do narrador são ensinadas de modo a explorar a fraqueza oculta desses desejos, uma vez que têm de casar. Cada um deles faz um uso instrumental do outro. Não importa como o disfarçamos com o argumento de que o casamento é uma união de amor e pureza; na realidade é um contrato entre uma prostituta e um cliente. “Se olharmos para a vida das nossas classes mais abastadas tal como ela é”, exclama: “ora! não é mais que um bordel.”

Durante a lua-de-mel, o narrador apercebe-se que, quando não está num estado de exacerbação sexual, nada tem para dizer à sua mulher. Aborto pelo choque e desilusão, só ao terceiro ou quarto dias é que percebe o quão deprimida ela está. Embora não consiga explicar a razão, ela sente-se “angustiada e triste”. Tudo começa quando ele ignora as suas queixas ao considerá-las infantis:

Ofendeu-se imediatamente... Confessou-me que percebia, claramente, que eu já não a amava. Censurei-a por ser caprichosa; de repente, a sua fisionomia alterou-se completa-

mente e... começaram a acusar-me de egoísmo e crueldade empregando as frases mais mordazes. Fitei-a. Não parecia a mesma. A expressão era de hostilidade, quase ódio. Lembro-me do pavor que senti ao fazer esta descoberta... Tentei acalmá-la, mas embati num muro tão intransponível de hostilidade e frio amargor que, antes de ter tempo de me vencer, tomou-me uma profunda irritação e vomitámos um sobre o outro uma avalanche de palavras desagradáveis... Ficámos sozinhos no confronto com a nossa verdadeira relação: ou seja, como dois ególatras totalmente estranhos um ao outro... Não percebia [naquela época] que essa relação fria e hostil era o nosso estado normal.

Amiúde, este casal discutirá, fará amor, discutirá de novo. Em breve, os períodos entre as discussões tornar-se-ão cada vez mais curtos:

Ao quarto ano de casados desistimos de nos compreender, de tentar justificações, mantínhamos uma atitude irredutível... Na maioria dos casos eu poderia ter cedido nas minhas opiniões; mas isso significava dar-lhe razão e era o que eu de maneira nenhuma queria. Estava sempre contra o que ela defendia, e o mesmo se dava com ela.

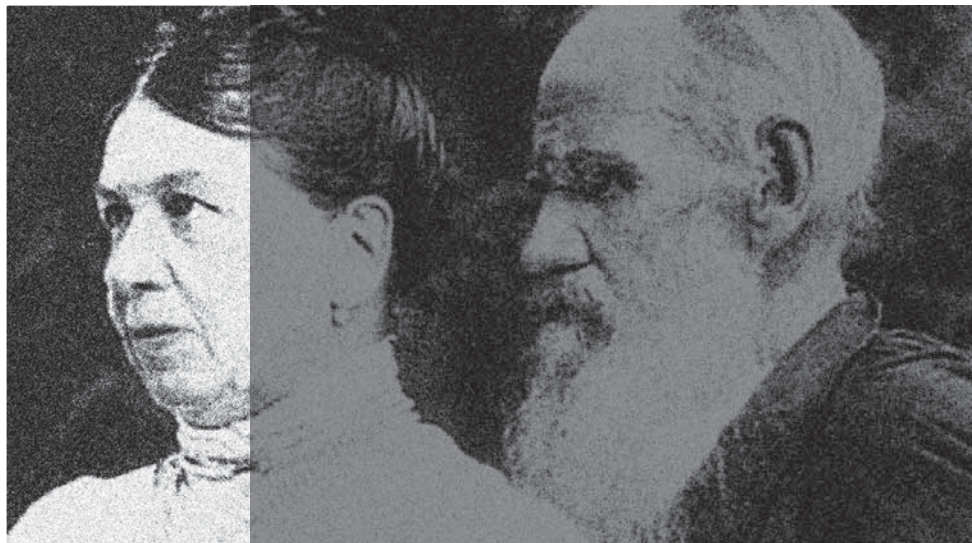
Estas últimas são as frases descritivas.

Ler a **A Sonata a Kreutzer**, depois se ter lido os diários de Sophia e Lev Tolstoi, é perceber, simultaneamente, dois factos: primeiro, o enredo (à excepção do assassinio) é praticamente uma transcrição da vida quotidiana do casamento dos Tolstoi; segundo, o casamento em si é algo que Dostoiévski teria escrito com muito mais facilidade do que Tolstoi. Na escrita de Tolstoi, encontramos personagens que – quer escravizados por limitações internas quer pela força das circunstâncias – são colocados num cenário do mundo e de si, que se alarga e aprofunda continuamente. Em Dostoiévski, encontramos os mesmos personagens vivendo de forma plena dentro das suas próprias mentes, ao ponto do mundo se reduzir à claustrofobia e ao surreal. Os Tolstoi não poderiam concretizar estes “Tolstoi” dentro de si. Munidos de todos os privilégios exteriores necessários à condução de uma vida aberta e expansiva, viveram, no entanto, do modo como Dostoiévski os teria engendrado. O “felizes para sempre” intrínseco ao casamento arruinou-lhes a relação.

Ambos sofreram uma humilhação permanente causada pela disparidade entre o amor idealizado no casamento e aquele que, na realidade, foi vivido.

Pela altura do seu casamento, o conde Lev Nikolaievich, de 34 anos, era já um escritor de renome, tendo vivido uns bons 15 anos com as contradições de carácter que parecem ser comuns a todos os amantes de literatura: por um lado, era um jogador, bebedor e amante de prostitutas; por outro, uma boa alma penitente que pregava o amor, a pobreza e a humildade, embora fizesse a sua família infeliz, ao levar uma vida de luxúria, não conseguindo saciar a fome da sua fama crescente. Para a maior parte dos russos era considerado um santo; aos olhos da Igreja e do Estado, um demónio; segundo Maximo Gorki, era um exemplo de génio e de repugnância, cuja humildade era “hipócrita e o seu desejo de sofrer... ofensivo!” Com pouco mais de trinta anos, Tolstoi desejava desesperadamente ser salvo de si próprio.

Sophia Andreyevna Behrs, de 18 anos, era filha de Andrey Behrs, médico da corte, e de Lyubov Alexandrovna Behrs, colega de turma de infância de Tolstoi. Tão repleta de



Nenhum conseguiu o que queria. Ele não se salvou, ela não o conquistou. Nenhum conseguiu superar o facto de não terem alcançado aquilo que sonhavam. Ambos sofreram uma humilhação permanente causada pela disparidade entre o amor idealizado no casamento e aquele que, na realidade, foi vivido.

espírito e de uma inteligência superior, tal como Natasha de **Guerra e Paz**, Sophia lia, sonhava, brincava, amava a música com fervor, e fantasiava a conquista do mundo através do casamento com um Grande Homem. Sonya, tal como era conhecida, podia, de facto, ter-se tornado uma mulher de sensibilidade e de carácter, se alguma vez tivesse tido algo concreto para fazer. Na verdade, Sonya não foi mais do que o *sturm und drang* inerente à condição de mulher de Lev Nikolaievich. O casamento tornar-se-ia a sua única ocupação, o seu princípio organizador, toda a sua existência: o incidente que fomentou o aprisionamento de um enorme talento.

Casaram-se em Moscovo, a 23 de Setembro de 1862. Logo após a cerimónia partiram para a propriedade rural de Tolstoi, Yasnaya Polyana, onde (exceptuando algumas visitas a Moscovo no Inverno), viveram o resto das suas longas vidas. Ali, Tolstoi escreveu livros, fez caminhadas, montou a cavalo, converteu-se, e cultivou o interesse pelo mundo que o circundava. Ali também Sonya deu à luz 13 filhos, recebeu inúmeras visitas, copiou a obra de Tolstoi (seis vezes a **Guerra e Paz**), por vezes gerindo a propriedade sozinha. São muitos os bons momentos – festas, jantares, celebrações;

patinagem, natação, trenó; recitais e sessões de leitura; jantares com vinte pessoas à mesa todas as noites... No entanto, quase nada disto se encontra registado nos seus diários, tendo em conta que, à época, era moda manter um registo diário actualizado; pelo contrário, praticamente só nos é dado a conhecer a angústia e o descontentamento de duas das pessoas de carácter mais forte que alguma vez existiram!

Nenhum conseguiu o que queria. Ele não se salvou, ela não o conquistou. Nenhum conseguiu superar o facto de não terem alcançado aquilo que sonhavam. Ambos sofreram uma humilhação permanente causada pela disparidade entre o amor idealizado no casamento e aquele que, na realidade, foi vivido. A este respeito, tanto a jovem inexperiente como a mundana debochada eram extraordinariamente parecidas. Para ambas, o sonho de realização pessoal através do casamento teve origem num lugar enraizado profundamente na psique, ao ponto da mera ideia do falhanço do casamento ser percebida como um insulto à alma. Desde logo, sentimentos de auto-estima ferida, de parte a parte, não conheceram limites. O dia-a-dia em Yasnaya Polyana era vivido numa mistura de atracção e repulsa, dando origem, frequentemente, a pensamentos homicidas ou suicidas. Sonya e Tolstoi tornaram-se obcecados, num grau demencial, com a ideia de que, ao lado um do outro, teriam sido atraídos pelo destino, apartados de uma vida que tivesse algum sentido. Nenhum deles poderia ter tido a noção, antes do casamento, da profundidade da ambição emocional que os motivava, nem tão-pouco, justamente por essa ambição estar destinada a falhar, que cada um iria ficar ligado um ao outro para sempre. Sigmund Freud fundou o seu império a partir de relações desta natureza.

Logo desde o início estabelece-se um padrão de relação explosivo. Poucos dias depois do casamento, discutem e cada um fica inexplicavelmente deprimido. Em menos de nada, ela chora e ele torna-se violento. O discurso dela é duro, violento, histérico. O dele é rude, violento, mordaz. Atingem um clímax de raiva apaixonada, olham-se boquiabertos, caem nos braços um do outro, fazem amor selvaticamente e, outra vez em menos de nada, fecham-se num misterioso sentimento de rancor que é retomado continuamente, cada vez mais e mais virulento.

Os diários de Tolstoi estão repletos de mexericos, ideias para livros, especulações infundáveis sobre Deus e a religião, a luta que trava com a própria alma. Ao mesmo tempo, a preocupação com o casamento (as crianças nunca lhe interessaram) mantém-se constante. Quanto a Sonya, o mundo para lá do casamento praticamente não existe. Seis semanas depois da sua chegada a Yasnaya Polyana, começa a registar as variações diárias, semanais e mensais de um casamento que a atormentará – sem limitações, variações ou perda de energia – ao longo da sua vida. Nas versões inglesas dos seus diários, editadas por Cathy Porter, cada ano começa com uma introdução do editor, numa tentativa de fornecer algum enquadramento social a estes personagens. A título de exemplo, podemos ler, em 1862, ano em que casaram, que “a emancipação do czar Alexandre II dos Sérvios no ano anterior prenuncia uma época de grandes reformas’.” Não fossem estes pequenos apontamentos arraigados de história, e quase que poderíamos imaginar Sonya e Lev Nikolaievich a viver algures no espaço sideral, de tão esgotante que é a sua obsessão constante com “a relação”. Durante toda a sua vida, Sonya atormentou-se com o facto do interesse nutrido por Tolstoi ser puramente sexual; atormentou-se ainda mais quando esse interesse se per-

deu. Durante mais de 40 anos, Tolstoi utilizou o diário para expressar, continuamente e, num encadeamento ou noutro, todos os sentimentos que se seguem:

Amo-a tanto.

Amo-a cada vez mais e mais.

O seu carácter piora a cada dia que passa... [as] resmunguices e as piadinhas maldosas... assustam-me e atormentam-me.

Não há, provavelmente, mais do que uma pessoa em um milhão tão feliz como nós dois.

As mulheres são pessoas com órgãos sexuais acima dos seus corações.

Seryozha [o filho mais velho] é insuportavelmente obtuso. Tem a mesma mente castrada da mãe.

Sonhei que minha mulher me amava. Como tudo se tornou simples e claro!

Nada disto existe na vida real. E é isso que está a arruinar a minha vida.

Ela está a começar a tentar-me carnalmente. Gostava de me conter, mas sinto que não vou conseguir.

Os pontos fortes das mulheres: frieza – e algo pelo qual não podem ser responsabilizadas dada a sua pobreza de espírito – sedução, astúcia e bajulação.

Depois do jantar, Sonya disse-me que tinha sido fiel e que se sentia sozinha...

Não consegui dizer mais nada. E arrependo-me disso.

Durante o mesmo período, Sonya escreveu:

Senti-me tão feliz com ele nestas duas últimas semanas.

Ele enoja-me com a sua conversa sobre o 'povo'. Sinto que sou eu... ou o povo. Se eu não lhe interessar, se ele me vê como uma boneca, ou apenas como a sua esposa e não como um ser humano, então não vou nem posso viver assim.

Não há maldade nenhuma nele, nada de que me possa queixar ou me faça reprová-lo... Apenas preciso dele, mais nada.

Ele passa tão pouco tempo comigo agora... enquanto me sentir jovem, prefiro não estar com ele pois tenho medo que me ache estúpida e irritante.

Não acredito que duas pessoas possam ser mais unidas do que nós.

Somos extremamente felizes, em todos os sentidos.

Temos discutido e não temos conseguido ultrapassá-lo... Há tanta frieza, um vazio e um sentimento de perda tão flagrantes... O que faço com este amor que nada me trouxe, a não ser sofrimento e humilhação?

Foi pura alegria quando ele voltou [para casa]... Ao encontrar-me na estação, olhou-me e disse: 'És tão bonita! Tinha-me esquecido do bonita que és!'

As esposas dos ególatras são infelizes e solitárias, esses grandes homens cujas mulheres se tornarão, na próxima geração, as Xantipes do futuro!

Durante toda a sua vida, Sonya atormentou-se com o facto do interesse nutrido por Tolstoi ser puramente sexual – nem os seus pensamentos ou desejos cativavam a sua atenção – e atormentou-se ainda mais quando esse interesse se perdeu. Nunca desfrutou do prazer de fazer amor; no entanto, quando ele deixou de a procurar, ficou sozinha na sua vergonha, perda e saudade. Muitas vezes, ao longo dos anos passados juntos, ele fugia, deixando-a completamente sozinha – às vezes, mesmo quando

estava em casa – durante dias ou semanas a fio (o seu diário é o relato, muitas vezes, de uma solidão indescritível). No entanto, ela sonhava que, por fim, conquistaria a amizade de Tolstói e uma atitude meiga. Quando o desejo sexual se esvaneceu e a amizade não floresceu, ficou desolada.

Na verdade, ambos o desejavam – ele também ansiava por uma união das almas – e a desolação perturbou-os ainda mais. E assim se encontram, aos 60 e 70 anos, a andar de um lado para o outro até às quatro da manhã, injuriando-se um ao outro (ou a si próprios), até serem vencidos pela exaustão, recomeçando tudo de novo poucas horas depois. Quase que se pode observar as suas mentes a esvaziarem-se, preenchendo-se de novo com sangue quase que instantaneamente. Parecia não existir uma maneira de se libertarem do embate com a realidade, a não ser através de convulsões dramáticas, coisa que fizeram até ao último instante. Tolstói fugiu de casa nas últimas semanas da sua vida a gritar, tal como já o tinha feito vezes sem conta: “Não aguento mais! Ela está a matar-me!” E Sonya, ao descobrir que ele lá não estava, corria para fora de casa (também ela o já tinha feito vezes sem conta) para se afogar na lagoa. Quando a sua filha Sasha e uma amiga a puxaram da água, as suas primeiras palavras para Sasha foram “manda um telegrama ao teu pai a dizer que me afoguei”.

Os Tolstói passaram as suas vidas em conflito um com o outro, pura e simplesmente para se afastarem do sonho antigo do dois-serão-um-só, para eles, psicologicamente proibitório. A associação entre o significado espiritual e a satisfação emocional apelava a uma devoção metafórica a que nenhum dos dois conseguia resistir. No desejo sagrado devia ser encontrada a elevação de algo que os amantes, categoricamente, se tinham comprometido a resgatar: a nobreza perdida do homem. Sentir-se transformado pela paixão romântica era perceber com clareza resplandecente o significado da humanidade, tal como poderia e deveria ser. De facto, o culto do amor, realizado ou negado, despertou em Sonya e Tolstói a sensação de paraíso ganho ou perdido, que perseguiu todos os românticos do século XIX.

Desde tempos imemoriais que milhões de casais têm feito as pazes com a contradição entre o que deveria ter sido o casamento e aquilo que realmente foi, mas para os Tolstói tal trégua era visceralmente impossível. O sentimento de perda induzido pela divergência era, simplesmente, insuportável. É o “insuportável” que os afasta. Para eles, era necessário não apenas aceitar as coisas como eram, mas manterem-se implacáveis na recusa em aceitar as coisas como eram. Assim, devia-se bradar aos céus, de punho cerrado, que o preço de um compromisso era exorbitante.

Esta recusa é intemporal e mítica, emblemática de um anseio milenar para alcançar a plenitude através do ideal transformador. Se nos entregarmos de corpo e alma ao Amor com A maiúsculo, Deus, com D maiúsculo, Revolução com R maiúsculo, talvez nos possamos convencer de que aquilo que mais tememos, a nossa própria incoerência, não é uma verdade imutável.

No final, a natureza contraditória da própria humanidade comprova a origem do grande drama existencial. Ser mesquinho e generoso, depravado e digno, amoroso e assassino, não à vez, mas *tudo de uma só vez*, é, ao que parece, o fardo da nossa existência. É esta humilhação que nos faz bradar aos céus, esta humilhação que sem-

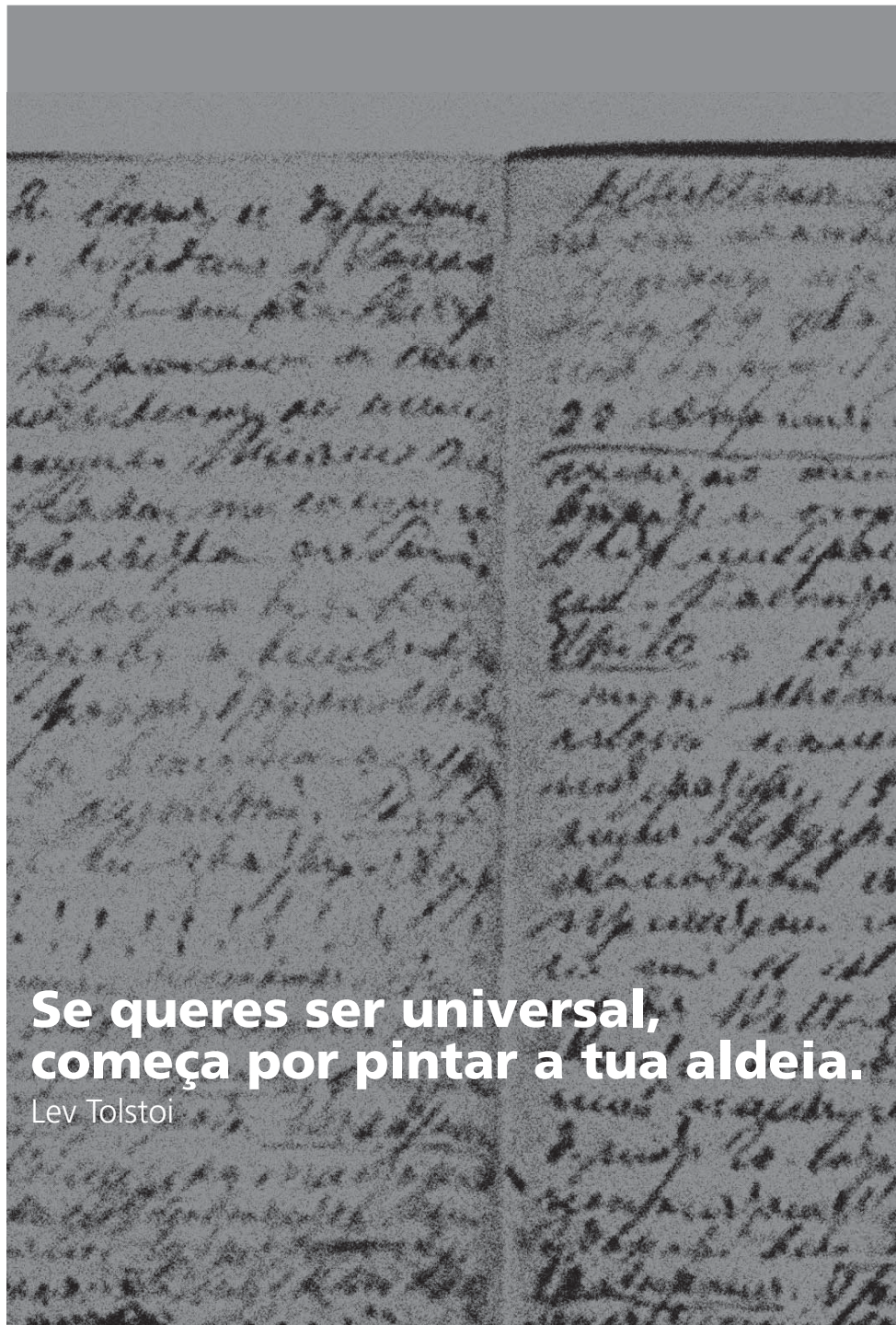
pre exigiu de nós algum mito de redenção, salvando-nos do desespero das nossas próprias divisões.

Penso ser uma hipótese bastante segura que, se o amor no casamento não tivesse falhado em dissipar o choque da sua própria natureza, Tolstoi não teria mergulhado tão insanamente na salvação do mundo. Sonya, por sua vez, também desejava muito libertar-se das suas contradições, mas mulher de carácter forte que era, o drama tolstoiano estava ultrapassado, e por isso, também, sofreu ainda mais. Em 1908, aos 64 anos, escreveu:

Cheguei à minha velhice com dois caminhos que se estendem diante mim: posso-me elevar espiritualmente e lutar pelo auto-aperfeiçoamento, ou posso procurar o prazer na comida, paz e tranquilidade, e em prazeres variados como música, livros e a companhia dos outros. Este último assusta-me.

A handwritten signature in cursive script, likely belonging to Sonya Tolstoy, written in dark ink on a light background.

E tinha razões para assim o sentir. Ela tinha muito medo da morte de Tolstoi, pois sabia que quando ele partisse, ela seria destituída da sua fixação por problemas – o único meio que conheceu para enfrentar os trâmites condenatórios da existência humana.



**Se queres ser universal,
começa por pintar a tua aldeia.**

Lev Tolstói

L i t e r a t u r a

DOMINGO

12 Dez

SALA ALMADA
NEGREIROS

ENTRADA
LIVRE

CCB

Dia Clarice Lispector

1 9 2 0 - 1 9 7 7

PARTICIPAÇÃO DE >

FILIPA LEAL

LUÍSA CRUZ

MARIA LÚCIA LEPECKI

CARLOS MENDES DE SOUSA

APRESENTAÇÃO DO FILME >

A HORA DA ESTRELA DE SUZANA AMARAL

1985 MILITÁRIA

WWW.CCB.PT

CCB / CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO ANTÓNIO MEGA FERREIRA [PRESIDENTE]

MARGARIDA VEIGA [VOGAL] / MIGUEL LEAL COELHO [VOGAL]

ASSESSORA PARA A PROGRAMAÇÃO > GABRIELA CERQUEIRA **CONSULTOR PARA A PROGRAMAÇÃO DE LITERATURA** > JOÃO PAULO COTRIM

CENTRO DE ESPETÁCULOS > ADJUNTA PARA O PLANEAMENTO > CLÁUDIA BELCHIOR **ASSESSOR PARA A PROGRAMAÇÃO DE MÚSICA** > FRANCISCO SASSETTI **ASSISTENTE DE PROGRAMAÇÃO** > RITA BAGORRO **PRODUÇÃO** > CARLA RUIZ | INÊS CORREIA | PATRÍCIA SILVA | HUGO CORTEZ | VERA ROSA **DIRECTOR DE CENA COORDENADOR** > JONAS OMBERG **DIRECTORES DE CENA** > PEDRO RODRIGUES | PATRÍCIA COSTA | PAULA FONSECA | JOSÉ VALÉRIO **SECRETARIADO DE DIRECÇÃO DE CENA** > YOLANDA SEARA **CHEFE TÉCNICO DE PALCO** > RUI MARCELINO **SECRETARIADO DE DIRECÇÃO TÉCNICA** > SOFIA MATOS **TÉCNICOS PRINCIPAIS** > PEDRO CAMPOS | LUÍS SANTOS | RAUL SEGURO **TÉCNICOS EXECUTIVOS** > ARTUR BRANDÃO | F. CÂNDIDO SANTOS | VÍTOR PINTO | CÉSAR NUNES | JOSÉ CARLOS ALVES | HUGO CAMPOS | MÁRIO SILVA | RICARDO MELO | RUI CROCA **CHEFE TÉCNICO DE AUDIOVISUAIS** > NUNO GRÁCIO **TÉCNICOS DE AUDIOVISUAIS** > RUI LEITÃO | EDUARDO NASCIMENTO | LUÍS GARCIA SANTOS | NUNO BIZARRO | PAULO CACHEIRO | NUNO RAMOS **CHEFE TÉCNICO DE GESTÃO E MANUTENÇÃO** > SIAMANTO ISMAILY **TÉCNICOS DE MANUTENÇÃO** > JOÃO SANTANA | LUÍS TEIXEIRA | VÍTOR HORTA

